

Natal passado, como cúmulo de toda esta laborosa actividade, o *Dicionário das*

social e das instituições subsumidas pelo termo “Ordem”, como as suas “entra-

marcar o ano de 2010.

Assim, como se evidencia, a publicação do *Dicionário* integra-se num avassalador movimento de repensamento da história de Portugal – suas tensões, seus momentos de ruptura, suas instâncias de continuidade, sua dinâmica interna e externa, seus veios nervosos, sua singularidade –, manifestado ao longo das duas últimas décadas, pelo qual, findos os cinco séculos do Império, Portugal se vai revendo ao espelho da História, perfazendo uma espécie geral e sectorial de grande balanço civilizacional. Este movimento funda-se numa visão despreconceituada da história, nem monárquica nem republicana, multifactorial, multiperspectivística, obediente apenas ao rigor dos documentos e ao escrupulo metodológico da interpretação, esta mais analítica que sintética, mais positiva que positivista, mais realista que espiritualista, mais avulsa que assente em sentidos especulativos da lógica da história. Nesta nova visão, mais científica e menos ideológica, analisa-se cada momento da história por si, desprezando os conceitos meta-históricos de “sentido”, de “fim metafísico”, de “unidade” ou “desígnio” da história.

2. O *Dicionário das Ordens*

Neste sentido, o *Dicionário* não só abrange a totalidade da história de Portugal e a totalidade do movimento

constituirão como documentos orientadores da investigação neste domínio ao longo das próximas décadas.

Quatro importantíssimas decisões foram tomadas pelos coordenadores desta obra que se revelaram não só acertadas como contribuíram para o estatuto epistemológico deveras inovador e ruptural deste *Dicionário*:

– a decisão – acertadíssima, reveladora da nova visão de estudo da história acima referida –, de incluir todas as instituições sociais designadas pelo conceito “Ordens”: religiosas, profissionais, esotéricas, maçónicas, honoríficas, templárias, neotemplárias e míticas;

– a decisão de integrar, na secção das “ordens Religiosas” a totalidade destas: ordens católicas (a maioria da secção), protestantes, hindus e budistas, dando expressão correcta ao actual espírito de análise histórica, universalista e ecumenista, sem preconceitos de credo religioso;

– a decisão de nem sempre entregar a redacção das “entradas” às próprias ordens, velando pela objectividade dos textos e recusando o encómio próprio;

– a decisão de fazer acompanhar a publicação do *Dicionário* da realização de um Congresso das Ordens Religiosas, realizado no final de 2010, dando expressão a um vivo e calorosíssimo debate tanto concreto e existencial quanto teorético.

Sem dúvida, um *Dicionário* completo. Impossível fazer melhor.

Miguel Real

• **PADRE ANTÓNIO VIEIRA**
– **Grandes Pensamentos**
José Eduardo Franco (coord.)
Editora: Gradiva
Lisboa, 2008 – 194 pp.

O livro que me proponho recensear, *Padre António Vieira – Grandes Pensamentos*, coordenado pelo Professor Doutor José Eduardo Franco, é uma mostra da vasta obra de um grande pensador, um

marco na história da cultura portuguesa e de além-fronteiras.

Padre António Vieira (1608/1697) viveu num período muito conturbado com a perda da soberania portuguesa em 1580 e o domínio dos Espanhóis, os quais ordenaram o encerramento do porto de Lisboa aos navios Ingleses e Holandeses, o que acarretou consequências desastrosas para o comércio português com o Oriente e com o Brasil. A situação económica, em Portugal era difícil, principalmente para o povo, pelo que muitos partiram para o Brasil.

Tendo nascido a 6 de Fevereiro de 1608 numa casinha da rua dos Cónegos, perto da Sé de Lisboa, Vieira tinha sangue africano, pois era neto de uma mestiça. O seu pai, Cristóvão Vieira Ravasco, escrivão das devassas dos pecados públicos num tribunal de Lisboa, partiu em 1609 para S. Salvador da Baía, voltou ao reino mas rapidamente regressou ao Brasil com a família instalando-se em São Salvador assumindo o cargo de escrivão da relação, tinha Vieira 6 anos.

A sua vocação religiosa cedo se revelou, bem como o seu talento para o trabalho missionário. Com 15 anos ingressou no noviciado da Companhia de Jesus, e logo abandonou a casa de seus pais entrando no Colégio dos Jesuítas, começando a sua doutrinação junto dos indígenas. Vieira criticou os colonos e todos os que viveram no luxo e na exploração dos negros e dos índios, em vez de defenderem o seu território das invasões Holandesas e Inglesas.

Tendo desenvolvido uma vida missionária de pregador e evangelista, foi acérrimo defensor dos índios e dos negros escravizados pelos colonizadores e converteu negros e índios ao catolicismo, enquanto incentivou as tropas e o povo a defender o território. Com 18 anos foi encarregado de redigir a “Carta Ânua ao Geral dos Jesuítas”, o seu primeiro texto

escrito conhecido. Em 1634, foi ordenado sacerdote a 10 de Dezembro, e celebrou a primeira missa três dias mais tarde.

Em 1641 pregou o *Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda*, na igreja de Nossa Senhora da Ajuda em Salvador, no mesmo ano era proclamada a Restauração da Independência de Portugal, após o que foi nomeado pelo Vice-rei, Marquês de Montalvão, juntamente com o seu filho D. Fernando, para prestar vassalagem ao novo rei D. João IV. Chegando a Lisboa, pregou na Capela Real o *Sermão dos Bons Anos*, tendo recebido o título de pregador de Sua Majestade, e foi nomeado Tribuno da Restauração. Pregador e conselheiro do reino, a sua pregação encheu igrejas, salas e auditórios. Foi encarregue pelo rei de várias missões diplomáticas à Holanda e a França, negociando Pernambuco e a paz Europeia, tendo pedido ajuda financeira para fazer face à grande crise económica e ajuda militar para que o país mantivesse a sua soberania, defendeu ainda o regresso à pátria dos judeus e Cristãos-Novos, expulsos e exilados nos países baixos, povos com grande poderio económico, e censurou a inquisição tendo proposto a sua reforma.

Em 1652, voltou para a Amazónia, pobremente vestido. Ele, um pregador da corte, conselheiro do rei, um diplomata, abraçou a missão de evangelização dos índios Ameríndios acompanhado por 14 padres e uma carta do rei, dando-lhe plenos poderes para a sua missão. No Maranhão pregou o *Sermão de Santo António aos Peixes* nas vésperas de embarcar para Lisboa, onde, na Capela Real, foi fortemente aclamado durante a Quaresma. Aí iniciou com o *Sermão da Sexagésima* e terminou com o *Sermão do Bom Ladrão*. De volta ao Brasil, redigiu o seu primeiro tratado futurológico *Esperanças de Portugal, V Império do Mundo*.

Com a morte de D. João IV e a no-

meação de um novo governador do Brasil, os Jesuítas, vistos como inimigos do Brasil, eram acusados pelos colonos de lhes terem roubado os índios, sendo expulsos em 1661.

Padre António Vieira continuou a sua pregação, escreveu sermões, cartas, textos teológicos, filosóficos, históricos e proféticos. Ficando sem a protecção do rei foi perseguido pela inquisição e preso, redigindo, em segredo, parte do *livro História do Futuro*. Foi expulso do reino.

Em Roma continuou a sua pregação e ajuda à causa dos Cristãos-Novos, surpreendeu com os seus sermões na Capela da Rainha Cristina da Suécia, sendo convidado por ela para pregador régio e também pelo Papa para pregador da corte. Mas o seu desejo foi o de voltar ao Brasil. O Papa concedeu-lhe isenção da jurisdição inquisitória, com a qual voltou ao reino continuando a sua cruzada diplomática e humanística. Em 1681 voltou ao Brasil onde se recolheu na Quinta do Tanque, preparou a publicação dos seus sermões e ainda redigiu a *Clavis Prophetarum*. Foi nomeado Visitador-Geral da província do Brasil.

Pai grande "Payassu" como lhe chamavam os índios, faleceu a 18 de Julho de 1697, com 89 anos no Colégio de Jesus, onde foi sepultado.

O coordenador da presente obra mostra-nos de uma forma clara a vasta obra do padre António Vieira composta por sermões, cerca de duzentos, cartas que ascendem a setecentas, obras de carácter filosófico, histórico e profético entre as quais se destacam a *História do Futuro*, *Esperança de Portugal* e *Clavis Prophetarum - Chave dos Profetas*. Mostra-nos de uma maneira sintética, usando uma linguagem de fácil acesso e consulta, os grandes pensamentos daquele que é por muitos considerado o embaixador da língua portuguesa. Esta obra faz uma breve referência à vida e obra do missionário,

com alusões cronológicas e citações de estudiosos e admiradores vieiristas, como Fernando Pessoa ou padre Manuel Antunes, levando o leitor a reflectir sobre as profecias e a antevisão do universo.

Atrevia-me a chamar-lhe: "dicionário de pensamentos vieiristas", tendo em conta a forma ordenada, sucinta e enriquecedora como está elaborado, enquadrado por um prefácio de certa forma longo, mas necessário para contextualizar a vida e obra de Vieira, assim como referências de vários estudiosos que ao longo de 400 anos têm eternizado a vasta obra do evangelizador.

A obra apresenta-se dividida em duas partes: na primeira parte, intitulada Temáticos, encontram-se designados os pensamentos ou adágios ou aforismos, como referencia o seu coordenador aos quais lhe atribuiu um título ou nome compilado por ordem alfabética, indicando cada um deles a obra de onde foram retirados, assim como a página exacta, permitindo assim ao leitor localizar o pensamento, podendo complementar a sua leitura. Nos títulos temáticos podemos encontrar temas como: cobiça, dor, esperança, inferno, perdão, valentia, num total de 282 temas, alguns com vários pensamentos para o mesmo tema. Na segunda parte, designada Pares de Opostos, José Eduardo Franco reúne mais de 70 títulos antagónicos também ordenados alfabeticamente nesta parte da obra podemos encontrar pensamentos comparativos pela oposição como: amor/ódio, corpo/alma, maus/bons, poder/querer, ricos/pobres, entre outros, levando-nos a meditar sobre oposições tão obvias.

O livro termina com "Alguma bibliografia sobre o Padre António Vieira", mostrando ao leitor o vasto leque de autores que escreveram sobre Vieira.

Considero esta obra uma obra de consulta, uma obra inspiradora, um

aperitivo para quando necessitamos de escrever bem, como costuma dizer José Eduardo Franco: “sempre que pretendam elaborar um bom trabalho escrito, comecem por ler um sermão do Padre

António Vieira, ajudar-vos-á a escrever bem”. Esta obra pode ser considerada um dicionário dos melhores pensamentos vieirianos.

Laura Nicolau

-
- *DANÇA DOS DEMÓNIOS*
- Intolerância em Portugal
José Eduardo Franco
e António Marujo (coords.)
Editora: Círculo de Leitores
Lisboa, 2009
-

De que maneira pode a cultura contemporânea começar a entender actos de intolerância sem justificativas, movidos por preconceitos e herança histórica, muitas vezes já anacrónicas? Uma pessoa interessada por história, com inúmeras horas de leituras sobre os mais diversos assuntos, certamente terá tido contacto com episódios de ódio, cenas de derramamento de sangue e crimes absurdos contra determinados grupos; situações geradas pela intolerância com o que é diferente e, não raro, pela ignorância. Afinal, quais são os factores que impulsionam as acções violentas visando toda uma cultura, como no caso do anti-semitismo?

A obra *Dança dos Demónios*, coordenada por António Marujo e José Eduardo Franco, publicada pela editora Círculo de Leitores, abraça o esforço inédito de estudar a intolerância em Portugal, buscando em raízes históricas o desenvolvimento da imagem do outro não apenas no país, mas em diversos momentos na história global. Variados especialistas escreveram sobre os *antis* e seus respectivos *ismos*: seja por questões religiosas ou étnicas – anticlericalismo, antiprotestantismo, antijesuitismo, anti-islamismo, anti-semitismo –, políticos ou nacionais – antiliberalismo, antimacaronismo, anti-americanismo, anticomunis-

mo – ou género – antifeminismo –, os artigos presentes na publicação, traçaram a história violenta das reacções diante do diferente.

Cada entrada buscou contextualizar os pivôs e os resultados, muitas vezes violentos, de movimentos que visam os grupos que determinaram-se pelos *ismos*. Seja de natureza étnica, política ou religiosa, os exemplos apresentados ao leitor definem, em cada tema, aspectos de sua cultura ou crença e as estruturas que definem os principais traços da imagem formada pelo meio social, desmistificando assim pormenores por vezes estereotipados, visão construída pela histeria, pela paranóia colectiva, pelo medo do diferente, pela certeza de complô e de maldade.

A nível de exemplificação, Esther Mucznik iniciou os estudos presentes na obra ao tratar do anti-semitismo. O texto buscou desde a Antiguidade a opressão contra os judeus, primeiramente visto como pagãos, depois como deicidas, povo responsável pela morte do Messias. Muczink argumentou sobre as agressões anti-semitas durante as Cruzadas, sobre as conspirações judaicas e a criação dos guetos, famosos na iconografia da Segunda Guerra Mundial. Acusados de traições, assassínios rituais de cristãos, especialmente de bebés e envenenamentos, os judeus foram constante alvo de perseguição, inclusive na Península Ibérica, onde também sofreram sistemática expulsão ao final do século XV. A vida nos guetos também foi retratada, onde os horários de entrada e saída eram controlados e somente as profissões consideradas baixas,